

HISTÓRIA DE UM PESCADOR

Lucas Gabriel de Melo [1]
Nilson Kassio Pereira Lima[2]
Kátia da Costa Leite[3]
Thaise Costa Guzzatti[4]

Círculo de Saber 03: Conhecimentos, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

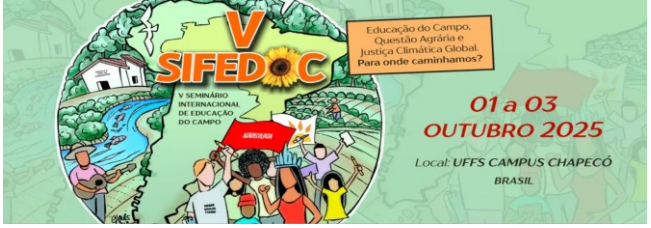
Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com pescadores da Fortaleza da Barra da Lagoa, em Florianópolis (SC), no contexto do componente curricular “Sujeitos do Campo”, do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza e Matemática da UFSC. O objetivo foi analisar a relação entre a pesca artesanal, especialmente da tainha (*Mugil liza*) e a produção de alimentos, considerando aspectos históricos, culturais, econômicos e socioambientais. Por meio de vivências durante o início da safra da tainha e de entrevistas realizadas com os pescadores, identificamos saberes tradicionais, valores culturais e os desafios enfrentados por eles, como a poluição, o turismo desordenado e a sobrepesca industrial. O estudo evidenciou a importância da pesca artesanal para a identidade local, a soberania alimentar e a preservação cultural, ressaltando a necessidade de políticas públicas que protejam tanto os pescadores quanto os recursos naturais que sustentam essa atividade tradicional.

Palavras-chave: Educação do Campo; Pesca artesanal da tainha; Cultura local.

Introdução

A pesca é uma atividade fundamental para a vida de muitas comunidades costeiras, incluindo a Barra da Lagoa, em Florianópolis, Santa Catarina (SC). Sabe-se que os povos indígenas e açorianos nessa região já praticavam a arte da pesca, nos tempos que precedem a antiga colônia do Desterro, sendo a pesca artesanal uma tradição milenar que relaciona indivíduos, famílias e comunidades de pescadores com a ecologia do mar e seus pescados por polêmicas que envolvem a necessidade de preservação do meio ambiente, o comércio de valores e a culinária de modo geral. Muito mais que apenas uma cadeia de trabalho produtivo, a pesca é uma atividade

[1] Discente na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. E-mail: lucasgabriel.ufsc@gmail.com
[2] Discente na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. E-mail: ambikassio@grad.ufsc.br
[3] Docente na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. E-mail: katia.dacostaleite@gmail.com
[4] Docente na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. E-mail: thaise.guzzatti@ufsc.br



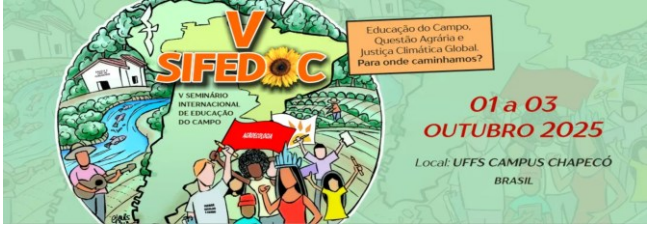
natural e muito rica que está profundamente enraizada na cultura e na identidade da região.

No entanto, os pescadores artesanais enfrentam uma série de obstáculos em sua rotina de trabalho. A poluição ambiental e a sobrepesca industrial, apesar de regulamentada, representam ameaças significativas à biologia reprodutiva dos peixes e impactam diretamente a vida marinha e, por consequência, a dos pescadores. Principalmente da tainha (*Mugil liza*), cuja simbologia mergulha na cultura da ilha. E esse peixe em sua fase larval e adulta explora ambientes que recebem água vindo dos rios cada vez mais poluídos. Esses desafios colocam em risco não apenas o sustento dessas comunidades, mas também a continuidade dessa tradição.

Essas questões evidenciam a necessidade de compreender a pesca artesanal não apenas como atividade econômica, mas como prática social, histórica, cultural e ambientalmente situada. Neste trabalho, buscamos analisar como se constrói a relação entre a comunidade tradicional de pescadores da Fortaleza da Barra da Lagoa e a produção de alimentos do mar, tendo como foco principal a pesca da tainha.

Nesse sentido, o artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com pescadores da Barra da Lagoa, em Florianópolis, Santa Catarina. A pesquisa incluiu entrevista com um experiente pescador e vivências no início da safra da tainha no dia 1º de maio. Através de relatos e experiências, buscamos proporcionar uma compreensão mais profunda da complexidade dessa atividade e de todos os aspectos que a envolvem. Pretendemos dessa forma, conhecer melhor a história e as tradições que estruturam a pesca da tainha, compreendendo os sentidos atribuídos à pesca pelos pescadores locais e identificando os desafios enfrentados no exercício desse ofício. Além disso, buscamos explorar os valores culturais e sociais que fortalecem a identidade da comunidade.

Essa pesquisa foi realizada no contexto do componente curricular “*Sujeitos do Campo”*, do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza e Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a qual possibilitou um olhar mais atento e sensível sobre o cotidiano dos pescadores e as relações que mantêm com o mar, os saberes ancestrais, os ciclos naturais e os modos de vida que resistem e se reinventam frente aos desafios contemporâneos. Por meio desse percurso, buscamos contribuir para a valorização e a reflexão crítica sobre a



importância da pesca artesanal na manutenção da cultura, da identidade local e da soberania alimentar das comunidades costeiras.

Metodologia

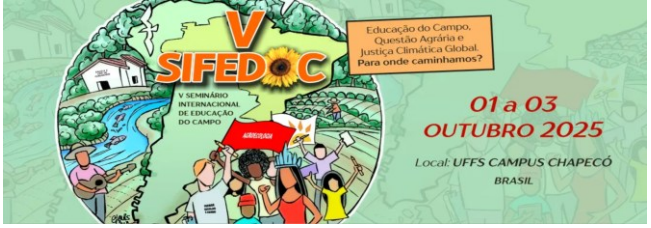
A metodologia utilizada para coletar informações sobre a comunidade de pescadores da Barra da Lagoa, em Florianópolis - SC, consistiu na aplicação de um questionário baseado em um roteiro previamente discutido em sala. A equipe de pesquisa buscou um pescador disposto a participar da entrevista e encontrou o senhor João, que concordou em conversar sobre seu trabalho e permitiu que a entrevista fosse gravada.

A entrevista foi realizada na Barra da Lagoa, Florianópolis - SC, em 2023. A gravação foi feita com um celular e durou cerca de 45 minutos. O entrevistado era um pescador aposentado com experiência tanto na pesca industrial quanto na pesca artesanal. As perguntas foram feitas por dois entrevistadores principais que se revezavam enquanto o outro anotava as respostas. Outros dois integrantes da equipe participaram na gravação e na conversação com o entrevistado.

Imagem 1: Imagem de satélite do bairro Barra da lagoa



Fonte: elaborado pelos autores



Além disso, a equipe realizou uma segunda visita na praia da Barra da Lagoa no dia 1º de maio de 2023 em Florianópolis - SC, onde conversaram com um pescador de 45 anos. A duração dessa visita foi de mais de 1 hora, pois havia muitos pescadores no local em vista a comemoração do começo da época de pesca da tainha artesanal, a pesquisa e vivência ocorreram naturalmente. A transcrição do áudio e as anotações feitas durante as entrevistas compõem o banco de dados deste trabalho.

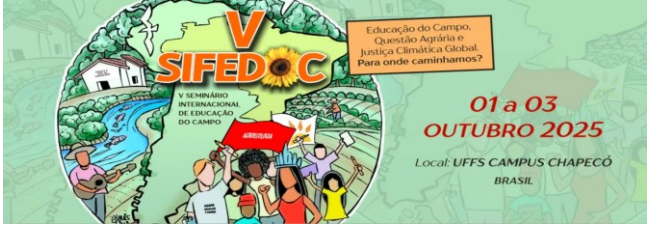
Roteiro utilizado na entrevista

Para entender melhor a vida e as experiências dos pescadores da Barra da Lagoa em Florianópolis, SC, elaboramos um roteiro de entrevista com perguntas base. Essas perguntas incluem informações básicas como nome, idade, local de nascimento e residência, escolaridade e fonte de renda. Também perguntamos sobre a história familiar dos entrevistados, incluindo de onde vieram seus antepassados e em que trabalhavam. Além disso, perguntamos sobre o trabalho atual dos entrevistados e se eles têm acesso a direitos fundamentais ou assistências.

Outras perguntas exploram a história e cultura da comunidade, a relação da comunidade com políticas públicas e o meio ambiente local. Também perguntamos sobre as crenças e valores dos entrevistados, sua relação com a natureza e o alimento, como iniciaram seu trabalho como pescadores e quais tradições familiares eles lembram e gostariam de passar para seus filhos e netos.

Para compreender melhor sobre a produção de alimentos, perguntamos sobre o dia a dia de trabalho no mar e na comunidade, que tipo de alimentos são pescados e preparados, as formas de acesso ao alimento para a comunidade. Também exploramos as tradições e práticas locais relacionadas à produção de alimentos, as ferramentas de trabalho utilizadas pelos pescadores. Outras questões incluem as funções na pesca das mulheres, como as diferentes estações do ano influenciam a produção dos pescadores, os saberes que vem dos antigos e são passados de geração para geração. Também foi abordado sobre a comercialização do que é produzido e como é feito, assim como a organização da comunidade como um coletivo.

Por fim, incluímos perguntas sobre os principais desafios, mudanças e adaptações enfrentados na produção de alimentos, tanto fatores ambientais quanto



os principais desafios sociais, políticos e econômicos que a comunidade enfrenta. Também perguntamos como melhorar a comunidade e quais são os obstáculos para o desempenho do trabalho dos pescadores hoje.

A seguir discutiremos alguns conceitos essenciais como biologia reprodutiva, calendários de pesca e comércio pesqueiro para ajudar a compreender melhor a pesca e a relação com a tainha alimento referência para cultura da região.

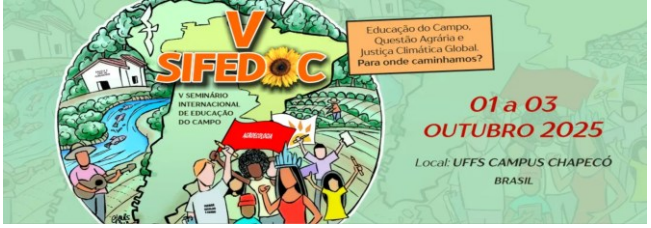
Pesca da tainha

A pesca da tainha é um evento importante para toda a cidade de Florianópolis. Aqui abordaremos em especial os pescadores artesanais da Barra da Lagoa, foco de nossas pesquisas. A temporada de pesca artesanal começa no dia 1º de maio e termina no dia 1º de junho. Os pescadores artesanais se preparam o ano todo para esse evento, arrumando equipamentos e esperando ansiosamente pela chegada da tainha. Pescadores que, diferente da pesca industrial, consideram extremamente importante respeitar as espécies de peixes liberadas para pesca em cada época do ano. A pesca da tainha é Patrimônio Cultural de Santa Catarina, sendo celebrada como uma festa, contando com diversos eventos como roda de rendeiras, missa, capoeira, boi de mamão e diversas celebrações religiosas, reconhecimento que é essencial para a economia da região mas também para preservação dessa cultura.

O cuidado é fundamental quando se trata da pesca da tainha. É necessário ter um bom olheiro para iniciar o fechamento da rede em torno das tainhas. Quando a rede é puxada, outro cuidado importante é prestar atenção para não arrebentá-la e perder todo o alimento. A atenção e o cuidado demonstrados pelos pescadores em suas falas e ações evidenciam a profunda relação que eles têm com seu trabalho, cultura e alimento.

Biologia reprodutiva

O bioma da Zona Marinha que acompanha o litoral catarinense é rico em diversas espécies e como está próximo ao continente, acaba entrando em contato com a florestas do bioma da Mata Atlântica e mangues por exemplo, ecótonos é região de transição entre dois ou mais ecossistemas distintos, caracterizada pela sobreposição e mistura de comunidades biológicas; essa interação entre o oceano e



litoral ocorre em especial importância a manutenção dos ciclos de vida de algumas espécies de interesse pesqueiro artesanal e industrial.

A família dos Mugilidae inclui cerca de 80 espécies divididas por 17 gêneros. Muitas das espécies são ainda conhecidas pelos nomes de curimã, tapiara, targana, cambira, muge, mugem, parati e fataça, entre outros; a tainha (*M. liza*) de modo genérico é conhecida pela culinária desde os tempos do império romano.

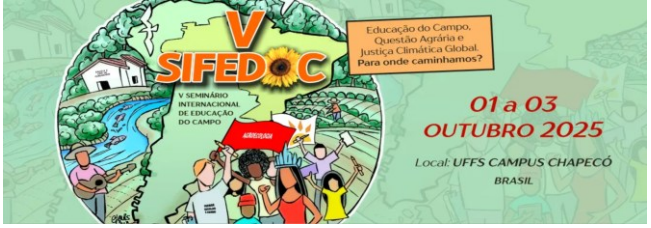
Os cardumes de tainha (*M. liza*), cujo nome vem do grego e significa 'bom para frigir', chegam a costa catarinense sobretudo de estuários ao Sul do continente, Lagoa dos Patos - RS, Uruguai e Argentina onde desenvolvem suas gônadas até o final de maio de modo que uma vez maturadas, partem para os estuários mais ao Norte. Essa migração está relacionada à inversão dos ventos, queda da temperatura e aumento da salinidade dos estuários; nadam para águas mais quentes na medida em que diferentes cardumes vão se somando até que encontram alguma região com condições climáticas favoráveis. Então iniciam a reprodução, fêmeas e machos liberam suas gônadas em alto mar, estes se encontram ao acaso, formando a fecundação que origina o zigoto que geralmente, quando não devorado por predadores, é levado pelas ondas quase na altura da superfície da água pois sua flutuabilidade é devido a presença de óleo, sendo levado até os costões e encostas; do ovo emerge uma larva natante que se desloca principalmente para ambientes estuarinos como saídas de rios, ou lagos e lagoas com ligação com o mar. Essa é a grande problemática da espécie em relação a atividade pesqueira, sua safra ocorre em meio ao período reprodutivo da espécie (Fernandes, 2019).

A importância da Lagoa de Florianópolis para a reprodução e desenvolvimento dos organismos (principalmente para a tainha) marinhos é historicamente reconhecida (Caminha, 1969). De acordo com o autor:

> [...] A Lagoa constitui um aquário natural do mais variado tipo de pescado. Constitui uma verdadeira dádiva de Deus aquele imenso aquário, onde os peixes nascem e se criam, para a subsistência daquele povo; aí se dá a grande desova da tainha, em meados de maio [...] (Caminha, 1969, s/d).

Calendários de pesca

Para o pescador o calendário romano é uma importante ferramenta temporal e com ele em mãos podem acompanhar além das datas importantes, a passagem das estações do ano. Importante referência a observação das fases da lua, por ela o



pescador, de acordo com sua experiência pessoal, sabe em qual lua determinado pescado aparece, pois existem peixes mais e menos fotossensíveis. Outra questão que a lua influencia são as marés. A maré é um fenômeno natural que envolve a força gravitacional que a lua e o sol exercem sobre o planeta terra e suas águas. É mais relevante para os pescadores dos mangues, costões e recifes do que para aqueles que pescam em alto mar. Porém os pescadores de mar aberto que dependem de estuarinas para acessar hangares em água doce, podem ficar impedidos de ir ou voltar da pescaria, o que acarreta em problemas como prejuízos por não conseguir pescar naquele dia ou problemáticas para descarregar e encontrar a embarcação.

Comércio pesqueiro

No mercado, a tainha (*M. liza*) é importante elemento de consumo, trocado por dinheiro, gira o capital e materialidade das vidas das famílias que dependem da atividade pesqueira. O quilo da tainha (*M. liza*) pode variar de R$25 a R$35,00 ao longo do ano de 2023 o preço da tainha em Florianópolis variava entre R$11 à R$ 23. Em Florianópolis-SC, no Mercado Público se estabelece várias peixarias que por si só perfazem uma atração turística, além de inúmeras outras casas de peixe espalhadas pela cidade e continente.

A visão de um pescador

O entrevistado foi João Aparecido Neto, um pescador aposentado de 74 anos. Ele nasceu e reside na Fortaleza da Barra da Lagoa e tem segundo grau completo. Seus antepassados também eram da Fortaleza da Barra da Lagoa e todos trabalhavam como pescadores desde criança. Atualmente, João está aposentado e sua fonte de renda é a aposentadoria por tempo de trabalho. Ele ainda pesca para consumo próprio.

De acordo com João, a história e cultura da comunidade estão ligadas à prática pesqueira familiar e ao sustento tirado do mar. Ele descreve a vida na comunidade como muito boa e valoriza seus amigos e o lugar onde nasceu, enfatizando que nasceria de novo neste mesmo lugar. No entanto, ele menciona que a comunidade não tem muita relação com políticas públicas e que os pescadores precisam lutar por seus direitos. Ele gostaria de ver mais direitos para pescar e menos turistas que não

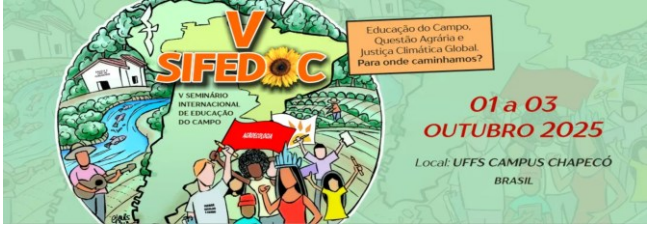
sabem pescar ocupando a praia. Aponta que esses “levam os peixes que quase não tem” e que “antigamente pescávamos e distribuímos atrás do mercado público”.

Imagem 1: fotos tiradas nos locais das entrevistas



Fonte: acervo pessoal dos autores

João aprendeu a pescar com seu pai e seguiu a profissão porque nasceu no mar, para ser pescador. Comenta que “a linhagem é de pescador e acaba literalmente comigo, meu filho é formado em geografia, mas pesca por hobby”, porém apoia e enfatiza a importância de seus filhos fazerem o que gostam. Ele acredita em Deus e vê a natureza como a maior riqueza do mundo, demonstrando-se encanto com a junção



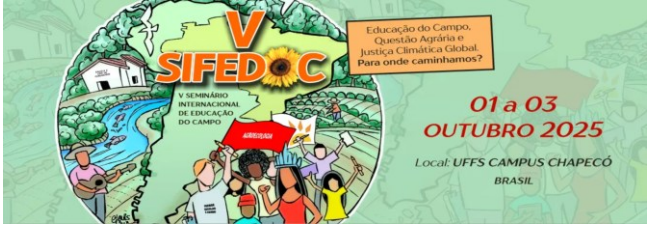
do verde e do azul. Seu alimento vem do mar e ele começou a pescar desde pequeno, lembra das tradições familiares dizendo que foram fonte dos seus ensinamentos, que foram aperfeiçoados com o passar do tempo. Hoje em dia, diz que vê muitas mudanças no dia a dia de trabalho no mar e na comunidade, com muitos “pescadores” que não sabem pescar.

Para ele ser pescador significa ir para o alto mar. Os alimentos incluem frutos do mar e peixe. A comunidade tem acesso ao alimento pescado através da pesca e da colaboração entre amigos pescadores. A pesca é uma tradição local e as ferramentas de trabalho incluem barco, rede, óleo e equipamentos de pesca. O entrevistado cita que “o mar que cria nosso alimento”. João destaca o papel de sua mulher na pesca como cuidadora de seus filhos, pois em determinadas épocas estava em casa apenas 4 vezes por ano. As diferentes estações do ano influenciam a pesca, sendo o inverno a melhor época para pescar. Ele participa de trocas de experiências com outros pescadores e valoriza a amizade e os aprendizados que conquistou ao longo da vida. Ele também menciona que há comercialização do que é pescador e que é feita através de intermediadores.

João fez até a quarta série e depois de aposentado terminou o segundo grau. Ele cita peixe como sua comida favorita e lembra que antigamente era fritado na própria banha dos peixes, mas hoje se usa óleo. Ele valoriza seus amigos e o lugar onde nasceu e tem crenças pessoais importantes. Ele afirma que conquistou muitos amigos e aprendizados e que nunca chegou perto de drogas. “Você pode ir para o lado positivo ou negativo”, diz ele sobre suas escolhas na vida, apontando que alguns amigos se perderam pelo caminho.

João afirma que os pescadores da região têm relações comerciais com os municípios vizinhos, com a venda de peixes sendo feita muitas vezes por terceiros. Diz não fazer parte de um coletivo ou cooperativas, mas para ele a coletividade é considerada muito importante no cotidiano dos pescadores, pois “fazer pesca artesanal sozinho é impossível.”

Um dos principais desafios mencionados é a presença de barcos de turistas que invadem o território, atrapalhando o trabalho dos pescadores, por João aponta que se houvesse a diminuição desses barcos aumentaria a produtividade e ajudaria a comunidade. Relata que ”talvez assim os peixes poderiam voltar um pouco como



antes, antes pegávamos toneladas, já chegamos a pescar 150 toneladas, e hoje chegar a 30 toneladas é muito". Menciona que há espaços para novos moradores, filhos e netos dos atuais moradores, mas que a Barra cresceu muito e muitos querem morar lá, além da lotação da temporada de turismo, apontando que na comunidade se tem tudo que precisa, mas "quem estraga são os turistas que não cuidam do mar com os seus lixos e prejudicam à pesca".

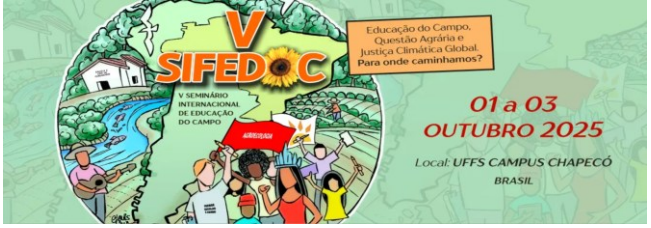
Conforme nos relatou ainda o entrevistado *"Os barcos industriais tomaram conta da pesca, e isso só vem nos prejudicando, pois pescam peixes em desenvolvimento (fora da época), isso nos atrapalha muito, e ninguém faz nada, nem multa eles levam, mas nós da pesca artesanal. Qualquer coisinha é motivo para quererem nos parar com multas, que sabem que na maioria das vezes não podemos pagar. Esses barcos industriais vão para alto mar e obviamente tem mais potência que nos, e pescam peixes fora da época, da pesca do tal peixe, como covina, e nos por estes últimos tempos ficamos com o que sobra), dá para ver a diferença do que pescávamos, 150 toneladas e agora se chegar a 50 é milagre. Tanto os turistas que não sabem pescar, mas vem de metidos, pescam peixes proibidos, fora da época e os barcos industriais que não se importam com a natureza, não se importam que se pesca fora da época pode faltar futuramente, antigamente era lotado de peixe, hoje em dia é uma dificuldade para pescar e sobreviver.*

Essa fala nos mostra a desigualdade vivenciada pelos pescadores artesanais, que enfrentam multas e restrições, enquanto as grandes embarcações industriais avançam e colocam em risco a sustentabilidade dos estoques pesqueiros. É um retrato da injustiça ameaça os modos de vida tradicionais e compromete o equilíbrio ambiental.

Identificar essas questões permite refletir sobre os desafios impostos as comunidades tradicionais e pensar caminhos coletivos de resistência e preservação. Assim, a escola pode se tornar um espaço de valorização dos saberes locais e de luta por justiça social e ambiental.

Conclusão

A atividade pesqueira existe no território brasileiro desde tempos pré-coloniais. No estado de Santa Catarina a pesca é uma tradição estabelecida tanto na

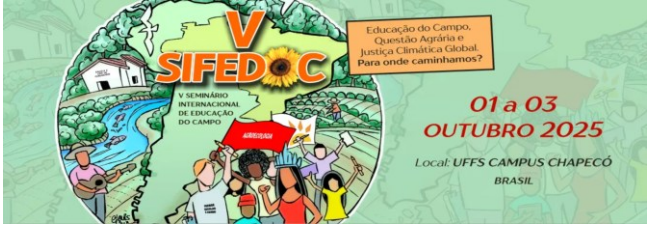


modalidade artesanal quanto industrial, sendo duas modalidades em disputa. a ilha de Florianópolis, capital do estado, a pesca faz parte em amplo aspecto do imaginário popular, mas também movimenta a economia de famílias de pescadores, como de intermediários que comercializam o pescado. Além disso, ainda na atualidade a pesca artesanal é repleta de sabedoria, cultura, valores e perigos. É um trabalho cuja filosofia baseia-se na coletividade.

Pescadores acordam ao amanhecer, pegam seus barcos e partem em busca dos cardumes; em alto mar usam ferramentas específicas como arpões, cordas, varas, linhas, anzóis, e principalmente redes que podem ser estendidas na água e depois arrastada com os cardumes para a praia ou para o interior dos barcos. A pescaria não ocorre de modo improvisado, tudo é meticulosamente considerado, desde a previsão de eventos climáticos, a estimativa do tamanho dos cardumes a partir da mancha de peixe observada da praia pelos olheiros, até questões de cunho religioso entram no raciocínio; a atividade exige destreza motora e boa condição física, é desgastante por associar riscos como afogamento, e revigorante por estar em contato com sua natureza ambiental, exige fascínio pela pesca e coragem próprio dos praticante. A tainha se destaca de modo especial para os pescadores de Florianópolis-SC. É um peixe que chega na ilha em busca de ambientes estuarinos para se alimentar e águas mais quentes para se reproduzir.

Preservar a atividade pesqueira artesanal exige uma legislação coerente com o contexto daqueles que vivem do mar, bem como a preservação dos próprios pecados, ou seja, preservar o pescador de tainha implica em preservar a tainha em si.

Nesse sentido, a investigação revelou uma realidade pouco conhecida, na qual a maioria das pessoas só tem consciência da existência dos pescadores porque o peixe chega até suas mesas. No entanto, para isso há todo um trabalho, um saber que é passado de geração em geração que é invisibilizado. A pesquisa oportunizada pelo componente curricular “Sujeitos do campo” permitiu conhecer essa realidade por meio da história de um pescador e os seus saberes sobre a pesca, revelando muitos desafios envolvidos em seu trabalho e no cotidiano das famílias, já que a família sofre toda vez que precisam partir (na maioria das vezes eles vão para alto mar) ficando lá por semanas à espera do cardume, e rezando para que não aconteça acidentes.



Isso nos mostra enquanto educadores do campo sobre a importância de aprender *sobre* e *com* os sujeitos, para que possamos em uma sala de aula aproximar o conhecimento escolar com a realidade vivenciada no território. Provavelmente muitos adolescentes que vivem em Florianópolis não conhecem a realidade de um pescador e poder levar essas informações para eles ajuda mostrar outras realidades que os cercam. Além disso, podemos mostrar aos estudantes a importância de saber a origem do alimento (para ser mais saudável) e ensinar a valorizarem a mão de obra (trabalho do pescador) tem um significado muito importante, para o próprio conhecimento e o respeito com as culturas. Isso é essencial a um educador do campo, das águas e florestas.

Referências bibliográficas

CAMINHA, C. A. A pesca na Freguesia da Lagoa. Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. 9/924/005-37. SC. 1969.

FERNANDES, A. R. A pesca artesanal da tainha em Santa Catarina: influência climática, supersafras e o exemplo de Garopaba. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia, pela UFSC 1-49. SC. 2019.

LINDER, A. (org.). Vida marinha de Santa Catarina. 2° ed. Editora da UFSC. 1-127p. SC. 2016.

VELOSO, M. E. L. Ambientes estuarinos e costeiros: o caso de Santos, SP. In: IBGE. Recursos Naturais, Meio Ambiente e Poluição. SUPREN. 105-111p. RJ. 1977.

FLICK, U. Entrevistas semi-estruturadas, n°8. In: Uma introdução à Pesquisa Qualitativa. Aed. 89-123p. RS 2009